



INSTITUTO FEDERAL GOIANO
ESPECIALIZAÇÃO EM PRÁTICAS DE ENSINO EM HUMANIDADES

ELIZABETE BENTO DA COSTA

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO PÓS-MODERNO

Campos Belos/GO

Junho/2024

ELIZABETE BENTO DA COSTA

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO PÓS-MODERNO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Pós-graduação como exigência parcial para obtenção do título de Pós-graduada em Práticas de Ensino em Humanidades pelo Instituto Federal Goiano, Campus Campos Belos.

Orientador: Prof^o Dr. Flávio Silva de Oliveira.

Campos Belos/GO

Junho/2024

Sistema desenvolvido pelo ICMC/USP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas - Instituto Federal Goiano

CC837c Costa, Elizabete Bento da
c A construção da identidade do sujeito Pós-Moderno /
Elizabete Bento da Costa; orientador Flávio Silva de
Oliveira. -- Campos Belos, 2024.
36 p.

TCC (Graduação em Especialização em Práticas de
Ensino em Humanidades) -- Instituto Federal Goiano,
Campus Campos Belos, 2024.

1. Identidade. 2. Modernidade. 3. Pós-Modernidade.
I. Oliveira, Flávio Silva de, orient. II. Título.

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano a disponibilizar gratuitamente o documento em formato digital no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Tese (doutorado) | <input type="checkbox"/> Artigo científico |
| <input type="checkbox"/> Dissertação (mestrado) | <input type="checkbox"/> Capítulo de livro |
| <input checked="" type="checkbox"/> Monografia (especialização) | <input type="checkbox"/> Livro |
| <input type="checkbox"/> TCC (graduação) | <input type="checkbox"/> Trabalho apresentado em evento |

Produto técnico e educacional - Tipo:

Nome completo do autor:

Elizabete Bento da Costa

Matrícula:

2022206302640010

Título do trabalho:

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO PÓS-MODERNO

RESTRICÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO

Documento confidencial: Não Sim, justifique:

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: 12/08/2026

O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O(a) referido(a) autor(a) declara:

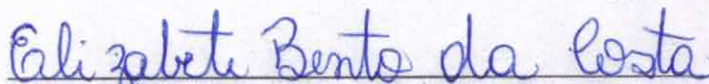
- Que o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- Que obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autoria, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- Que cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Campos Belos

Local

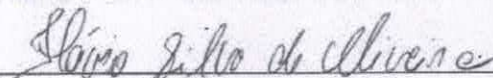
12/08/2024

Data



Assinatura do autor e/ou detentor dos direitos autorais

Cliente e de acordo:



Assinatura do(a) orientador(a)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Ata nº 8/2024 - UE-CB/GE-CB/CMPCBE/IFGOIANO

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM PRÁTICAS DE ENSINO EM HUMANIDADES

INSTITUTO FEDERAL GOIANO - CAMPUS CAMPOS BELOS

Aos vinte e seis dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e quatro, às quatorze horas, reuniram-se os componentes da banca examinadora em sessão pública presencial, para procederem a avaliação da defesa de Trabalho de Conclusão de Curso, em nível de Pós-graduação *Lato Sensu*, de autoria de Elizabeth Bento da Costa, discente do curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Práticas de Ensino em Humanidades do Instituto Federal Goiano – Campus Campos Belos. A sessão foi aberta pelo presidente da Banca Examinadora, Prof. Dr. Flávio Silva de Oliveira, que fez a apresentação formal dos membros da Banca, a Prof^a Dr^a Laíse do Nascimento Cabral Ramalho e a Prof^a M.^a Maria Otávia Battaglin Loureiro. A palavra, a seguir, foi concedida a discente para, no tempo de 15 min., proceder à apresentação de seu trabalho, intitulado **A construção da identidade do sujeito pós-moderno**. Terminada a apresentação, cada membro da banca arguiu a examinada. Terminada a fase de arguição, procedeu-se à avaliação da defesa. Tendo-se em vista as normas que regulamentam o curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Práticas de Ensino em Humanidades, e procedidas às correções recomendadas, o Trabalho de Conclusão de Curso foi APROVADO COM RESSALVA, considerando-se integralmente cumprido este requisito para fins de obtenção do título de ESPECIALISTA EM PRÁTICAS DE ENSINO EM HUMANIDADES, pelo Instituto Federal Goiano – Campus Campos Belos. A conclusão do curso dar-se-á quando da entrega definitiva do TCC e cumprimento de todos os requisitos necessários, em acordo com a instrução normativa 01/2022 da Coordenação de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação. Cumpridas as formalidades da pauta, a presidência da mesa encerrou esta sessão de defesa de Trabalho de Conclusão de Curso, e para constar, foi lavrada a presente Ata, que, após lida e achada conforme, será assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Justificativa e comentários sobre o trabalho:

A banca considerou que o trabalho apresenta qualidade acadêmica e científica. A apresentação do trabalho foi condizente com a parte escrita e há relevância para a área e para o debate teórico proposto.

Sugestões de alterações do trabalho:

- O trabalho precisa de correção quanto à formatação e adequação às normas da ABNT 10520 2023;
- Correção de ortografia e gramática do texto;
- Explicar mais sobre a metodologia ao longo do texto;
- Corrigir frases truncadas e sem sentido de modo a tornar a leitura mais fluida;
- Inserção de paginação ao longo do trabalho;
- Justificar e revisar as referências bibliográficas;
- Revisar a parte das Considerações finais: rever a inserção de julgamentos pessoais.

Assinado eletronicamente

Prof. Dr. Flávio Silva de Oliveira

Orientador

Assinado eletronicamente

Profª Drª Laíse do Nascimento Cabral Ramalho

Examinadora

Assinado eletronicamente

Profª M.ª Maria Otávia Battaglin Loureiro

Examinadora

Documento assinado eletronicamente por:

- Laíse do Nascimento Cabral Ramalho, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 29/07/2024 15:33:30.
- Flavio Silva de Oliveira, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 27/06/2024 09:36:02.
- Maria Otavia Battaglin Loureiro, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 28/06/2024 10:57:40.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 27/06/2024. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 610852

Código de Autenticação: 4dcb3e6cc6



INSTITUTO FEDERAL GOIANO

Campus Campos Belos

Rodovia GO-118 Qd. 1-A Lt. 1 Caixa Postal, 614, Setor Novo Horizonte, CAMPOS BELOS / GO, CEP 73.840-000

(62) 3451-3386

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto de grande dedicação, que representa minha vitória em meio a uma fase muito delicada que enfrento, mas que me faz sentir a todo o momento a grandiosidade do amor do Deus ao qual eu sirvo. Fazendo-me forte para superar novas etapas, mantendo-me sempre com bom ânimo para compartilhar minhas conquistas com aqueles que se alegram com minhas realizações. Expresso aqui a minha gratidão ao meu orientador, Flávio Silva de Oliveira por toda ajuda e suporte teórico para o resultado do nosso trabalho. Gostaria de deixar registrada a meu reconhecimento ao bom trabalho exercido por muito dos professores que passaram pelas disciplinas do curso de Práticas de Ensino em Humanidades, agregando suas experiências e ensino para minha formação. Um abraço calouro à minha querida turma, que certamente sentirei saudades. Levarei cada um de vocês em meu coração.

Ao decorrer desse período, um versículo bíblico que me instrui em todas as áreas da minha vida se manteve fortemente presente, que diz "Combati o bom combate, completei a carreira e guardei a fé" (II Timóteo 4:7). A fé me sustentou durante essa jornada sem tempo para murmurações, pois mesmo em meio às noites chuvosas que enfrentei para chegar à instituição, voltar para casa e retornar na manhã seguinte, conciliando jornada de trabalho com os estudos, viagens por quilômetros de distância para tratamento de saúde, encarando leituras desafiadoras, discussões em turma sobre pensamentos ou ideologias que jamais serão aderidas pelo meu "eu", minha fé sempre se manteve inabalável. Esses desafios me fizeram corajosa, e ciente da minha obrigação como pedagoga em buscar mudanças significativas para o futuro da nossa juventude.

Por fim, dedico à conclusão deste ciclo e título estudantil aos meus amados pais, meus irmãos, ao Igor e a cada um que se fez presente durante essa trajetória. Hoje me sinto mais confiante, e feliz em defender mais um trabalho acadêmico, que apesar de ter me feito perder noites de sono, ler, reler, errar, acertar, me dediquei ao máximo e consegui novamente "combater o bom combate", concluindo meu trabalho com o sentimento de dever cumprido, por isso me sinto realizada!

Obrigada. Com carinho, Beth!

*E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela
renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa,
agradável e perfeita vontade de Deus.
(Romanos 12: 2).*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	-----05
2. JUSTIFICATIVA	-----06
3. DESENVOLVIMENTO	-----07
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	-----30
5. REFERÊNCIAS	-----33

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi realizada por meio da metodologia de revisão de literatura, seguindo o método hermenêutico, ou seja, interpretar e compreender como os teóricos analisam os temas da pós-modernidade e identidade, que direciona a discussão sobre a ideia de “Pós-modernidade”. No debate teórico, autores afirmam que o período pós-moderno pôde ser identificado nas últimas décadas do século XX. Mas é válido ressaltar que não há um consenso unânime sobre o início deste período, muito menos em qual época ele se firmou, sendo assim a divisão temporal usada nessa pesquisa seguirá a cronologia do Sociólogo Polônes, Zygmunt Bauman (2007), pela sua praticidade em dividir os séculos por relevantes marcos históricos.

A escolha dos autores que corroboram para a construção dessa pesquisa em suma segue uma linha de estudo conforme as exposições do estudo das ciências sociais, filosofia, artes, arquitetura, geografia, história, entre muitas outras áreas que estudam e tendem em conceituar este período. A pós-modernidade passa a ser um período histórico totalmente diverso ao período moderno, o que tem proporcionado debates pertinentes sobre tais mudanças. Ao refletirmos sobre a expansão de múltiplas identidades é necessário analisarmos também as críticas e resistências que repercutem sobre esta nova modulação social. Espera-se que esse estudo promova uma reflexão relevante, que impulse os leitores a examinarem todo contexto debatido, para melhor redirecionar seus pensamentos e práticas enquanto sujeitos pós-modernos, tanto no âmbito coletivo como no individual. Eagleton (1998) descreve esse período da história da seguinte forma:

Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação (Eagleton, 1998, p. 05).

Considera-se que um dos pontos relevantes exposto pelo debate teórico que será explorado neste texto abrange vários questionamentos, com reflexões que foram e estão sendo percebidas e percorridas entre os pensadores contemporâneos, que buscam retratar as várias formas da atual organização social protagonizada desde que este período foi identificado, classificado e nomeado como “pós-modernidade” e as identidades pertencentes a esse período.

Palavras-chave: Identidade, Modernidade, Pós-Modernidade.

2. JUSTIFICATIVA

O objetivo desse estudo se ampara na busca em compreender e explorar a discussão teórica, sociológica e até mesmo filosófica sobre a construção da identidade do sujeito pós-moderno. Apesar do estudo da identidade ser uma referência de pesquisa com protagonismo nas ciências sociais, seu teor ainda se categorizado como recente.

Com a chegada da pós-modernidade percebe-se que várias esferas sociais foram significativamente transformadas, como a política, economia, cultura entre diversos cenários que davam ao indivíduo, um discernimento mais solidificado sobre suas práticas e pensamentos do seu cotidiano, seja em seu particular ou no coletivo. Giddens; Turner (2000, p. 09) denotam que “ao longo do último quarto de século, temos ouvido persistentes afirmações de que as sociedades do mundo ocidental ingressaram em uma nova era de sua história”.

A pós-modernidade trouxe consigo importantes reflexões e críticas ao explorar a ideia de culturas, verdades absolutas, com a ampliação da diversidade, das multiplicidades de perspectivas e experiências que interferem na construção ou fragmentação da identidade(s) composta(s) pelo sujeito(s) pós-moderno(s), que também será contestada por outras concepções. São vastas as ramificações sobre esse primoroso estudo, alguns dos pontos que serão explanados no decorrer da pesquisa nos ajudarão a discernir mesmo que minimamente a amplitude que corresponde a pós-modernidade.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO PÓS-MODERNO

Discute-se muito sobre a composição do atual cenário histórico do século XXI. As mudanças estruturais das sociedades ocidentais repercutem na cultura, globalização, tecnologia e até mesmo na identidade do sujeito. Sendo assim, a presente investigação se propõe a examinar questões fundamentais sobre a identidade do sujeito pós-moderno, focados em contribuições relevantes de teóricos e pesquisadores renomados, como Jürgen Habermans (2000), Jean-François Lyotard (2009), David Harvey (2008), Zygmunt Bauman (2007), Anthony Giddens (1991), Stuart Hall (2006) e demais fontes bibliográficas, que além de explorem o fim do período moderno, dedicaram ou dedicam-se a estudar fatores e características que denotam a chegada do novo contexto social, denominado como “pós-modernidade”. A escolha dos autores em destaque demonstra que ambos conseguiram relacionar suas análises para colaborar para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Embora o autor Milton Santos (2001) seja amplamente reconhecido no campo da geografia por seu enfoque acerca da globalização, optou-se por não incluir suas abordagens neste estudo por razões específicas. Esta escolha visa destacar outras correntes e teses, que objetivam uma análise mais aprofundada sobre a(s) identidade(s) no período pós-moderno, sem desconsiderar a relevância do trabalho de Santos (2001) e demais autores no contexto mais amplo do seu saber.

Mediante as diversas contradições sobre o tema, um fator que aparenta ser comungantes nas moldagens a respeito da pós-modernidade é o questionamento do projeto moderno. Sá (2006, p. 42) destaca que, “se há pouquíssimas certezas sobre o que, de fato, é proposto em suas múltiplas perspectivas, o questionamento do paradigma moderno é uma das poucas convicções pós-modernas”. Assim, a referência vital para a cognição da pós-modernidade é da própria modernidade. Posto isso, compreende-se que a transformação da pós-modernidade é uma condição histórica que implica em ressignificar ou aperfeiçoar um recomeço. Devido ao fim da modernidade, instaurou-se uma nova condição de vida que, no decorrer da própria história passará por novas e inesperadas reformulações, o que contradiz as perspectivas de outra demanda de estudiosos sobre a temática.

O conceito de pós-modernidade é complexo e multifacetado¹, sendo um elemento atual de grande projeção para o estudo e debates entre os sociólogos, filósofos, historiadores e outros teóricos do século XX, e XXI. O próprio prefixo “Pós” se torna problemático, e abre margem a inúmeras questões controversas sobre as análises dos pesquisadores.

Nesse caso, o prefixo “pós” sugere uma superação ou uma fase posterior ao ciclo da modernidade. O que deixa a entender que houve uma transformação temporal contínua aos períodos antecessores, mas que evoluiu e deixou para trás o destaque de cada século estando a pós-modernidade inserida a essa conjunção. A psicopedagoga Júlia Gonçalves (2008) nos apresenta uma definição em que diz que:

O prefixo “Pós” indica o que vem depois, o que sucede à modernidade, significando um corte, uma ruptura não apenas no âmbito da política e da economia, mas, sobretudo, no pensamento das pessoas, as quais compreendem que estão vivendo uma fase de grandes transformações que afetam a todos direta ou indiretamente e que é necessário compreender seu significado no contexto da sociedade como um todo (Gonçalves, 2008).

Há críticos que argumentam que a pós-modernidade não é necessariamente uma etapa subsequente da modernidade, mas sim um modelo de mudança temporal radical. Se há questionamentos ou dúvidas sobre a superação desse período, essa teoria se torna questionável, sendo necessário que haja estudos referentes à suas estruturas e modelos de organização social para verificar seu contraponto e veracidade.

O século XVIII é considerado o “Século das luzes”, ou da racionalidade, pregado pelo iluminismo, que afirmava trazer a “iluminação” para as mentes das nações naquele período. A Europa vivenciava este momento que é retratado como um movimento intelectual, pois perpetuava fortes críticas à igreja e ao absolutismo, defendendo a predominância da razão sobre a fé. O movimento projetava mudanças significativas na economia, política e na sociedade. Com isso, a civilização ocidental exprimia um novo modelo de homem e identidade, tornando o sujeito o centro deste agrupamento. As características protagonistas do sujeito iluminista eram compostas pela sua centralidade ou controle, sendo um indivíduo dotado de razão que o conduzia ao decorrer do seu aprimoramento particular. Este indivíduo passou a manifestar em sua nova essência interior, a sua própria identidade. Immanuel Kant (1985), considerado o maior nome do Iluminismo, que buscava uma nova maneira de pensar

¹ Um conceito bem específico para definir o termo multifacetado refere-se àquilo que contém várias facetas, múltiplas aparências características ou atributos.

sobre os vários aspectos da vida, descreve que:

O Iluminismo representa a saída dos seres humanos de uma tutela que estes mesmos se impuseram a si. Tutelados são aqueles que se encontram incapazes de fazer uso da própria razão independentemente da direção de outrem. É-se culpado da própria tutela quando esta resulta não de uma deficiência do entendimento, mas da falta de resolução e coragem para fazer uso do entendimento independentemente da direção de outrem. Tem coragem para uso da própria razão! - Esse é o lema do Iluminismo (Kant, 1974, p. 100).

O homem passou a exercer a capacidade de questionar os dogmas praticados por muitos séculos antecedentes, que regiam a sociedade, em especial por regras religiosas. Passando a identificar aspectos científicos, que foram ápices para o aprimoramento de futuras descobertas. Esse despertar exprimiu a racionalidade humana, dando ao homem a capacidade de ser autônomo, libertando-o das amarras históricas, dando a si mesmo o poder de guiar a sua vida, tendo a razão como base para tal feito.

Após o ciclo do período iluminista, estabeleceu-se o período da modernidade, que trouxe consigo muitos conceitos que se moldaram em meados do século XIX, mas se protagonizou no ocidente durante o século XX. Para Giddens (1991, p.11), a modernidade “refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII, e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”. O que demonstra que há divergências entre os teóricos sobre o estopim temporal dessa era. Entretanto, a modernidade se credibilizava e fortalecia seu debate ideológico focado pela busca da razão despertada pelo iluminismo sobre essa realidade humana. Exemplo disso é que as práticas de valores e costumes mais tradicionais foram gradativamente se desassociando das teorias religiosas. A revolução do século XXI, o tornou perceptível para identificar o perfil dessa nova configuração. Portanto, o próprio Giddens (1991), assim como Lyotard (2009), Harvey (2008) Bauman (2001), Hall (2006), entre outros teóricos passaram a denominá-lo como o período da “Pós-modernidade”.

Em contraponto aos pensamentos da grande parte dos estudiosos sobre a temática, conheceremos o produto da análise crítica do filósofo e sociólogo alemão, Habermas (2000, p. 05), que defende criticamente que o princípio do projeto de modernização social fosse reconsiderado, por ser um “projeto inacabado”. Habermas (1998, p. 32) ainda repercute ao descrever que, “Creio que em vez de abandonar a modernidade e seu projeto como causa perdida, deveríamos aprender com os erros

desses programas extravagantes que têm tratado de negá-la”. A teoria da modernidade de Habermas (1998) compõe a teoria da ação comunicativa, que busca esclarecer a origem da sociedade ocidental moderna, para assim identificar seus dilemas e propor correções.

Segundo o autor, o estudo da filosofia ao pensamento moderno foi estruturado com base no ser humano ao pensar individualmente pelo discernimento, onde o “eu” toma ciência de si próprio se descobrindo como um sujeito crítico. Portanto, para Habermas (2000) o:

[...] saber pré-teórico de regras de sujeitos que falam, agem e conhecem competentemente, recorrendo a uma análise das manifestações bem-sucedidas ou distorcidas. Visto que tais tentativas de reconstrução não se destinam mais a um reino do inteligível que está além dos fenômenos, mas ao saber de regras efetivamente praticado e sedimentado nas manifestações geradas segundo regras, anula-se a separação ontológica entre o transcendental e o empírico (Habermas, 2000, p. 415).

Esse projeto da modernidade pressupõe a constituição do sujeito autônomo e esclarecido, que despertasse a sociedade para o uso da razão como uma fonte de discernimento.

Na visão de Habermas (2020), a melhor solução para construir esse novo conceito, esteve na alteração do projeto de modernidade já promovido. Este modelo centralizava os esclarecimentos do sujeito de modo individual. O que Habermas (2020, p. 629) propõe com esse ideário, é que a lucidez fosse alcançada por toda sociedade, e não para o sujeito que pensasse individualmente, pois “os indivíduos emancipados são chamados a ser em conjunto os autores de seu próprio destino”. Assim, estaríamos todos conectados uns aos outros, para que toda a sociedade se despertasse ou se tornasse evidenciada.

Habermas (2000) faz um comparativo interessante, em favor do pensamento ao uso da racionalidade para se viver. Ele expõe em exemplo crítico, onde na educação gradual formam-se profissionais, mas não formam um cidadão, tão pouco seres humanos, então seria necessário fortalecer o uso do modelo racional ao invés de investir em uma razão tecnicista instrumental, voltada exclusivamente para questões de ordem econômica, que propõem o resgate do seu único tipo de racionalidade, a técnica. Já a razão comunicativa é uma razão constituída pelo saber, uma razão que não está comprometida, pois não formam apenas profissionais, mas sim, cidadãos.

O homem pode ser considerado um animal político, um indivíduo que

necessita entender seu papel social, e para isso é ideal que ele estude outras ciências para além daquelas que formam um profissional. Habermas (2000, p. 420) relata que “A mudança de paradigma da razão centrada no sujeito pela razão comunicativa também pode encorajar a retomar mais uma vez aquele contra discurso imanente à modernidade desde o princípio”. Portanto, não basta apenas formar um bom cidadão, é necessário buscar essa razão comunicativa, que esteja comprometida com a racionalidade de um indivíduo integral ao seu meio.

A reflexão de Habermas (2000) ao questionar o uso da técnica a partir da idade moderna poderia ser um método de mediar e determinar nossas relações ao ponto de colocar em questão nossa própria condição humana. O autor estava comprometido em provar que todas as outras formas de compreensão humana sobre realidade, foram advindas da ciência comunicativa. Por isso ele afirma que a era em que vivemos deveria ser uma continuação do período moderno e que precisamos repensar sobre o projeto moderno para não nos deixar dominar pela técnica, sob o risco de perda da nossa autonomia e humanidade.

É fundamental investir em um novo tipo de racionalidade, para então superarmos o paradigma da consciência do “eu sou”, para o paradigma do “nosso”, onde é possível dialogarmos, interagirmos, debatermos e decidirmos o que é melhor para a nossa nação e para nossas vidas enquanto cidadãos ativos. Mas a defesa de Habermas (1984) sobre a modernidade também pode ser resumida da seguinte forma:

Na ação comunicativa, os participantes não estão orientados primeiramente para o seu próprio sucesso individual, eles buscam seus objetivos individuais respeitando a condição de que podem harmonizar seus planos de ação sobre as bases de uma definição comum de situação. Assim, a negociação da definição de situação é um elemento essencial do complemento interpretativo requerido pela ação comunicativa (Habermas, 1984, p. 285).

Habermas (1984) visualizava a condução de todo conhecimento humano ao domínio da técnica comunicativa. Portanto, pode-se considerar que um dos grandes objetivos de Habermas (1984), consistia na busca visível pela conclusão do projeto da modernidade, para assim darmos prosseguimento histórico ao período sucessor, intitulado como pós-modernidade.

Como vimos o filósofo e sociólogo da contemporaneidade, Habermas (1998) é conhecido por suas críticas à era pós-moderna. Uma das discordâncias centrais dos seus estudos está em relação ao uso do termo “pós-modernidade”, em que considera ser um termo de generalização excessiva e inadequada para descrever as mudanças na

sociedade contemporânea. Sua analogia tenta demonstrar que não foi posto um ponto final adequado ao período da modernidade, o que salienta críticas ao uso do prefixo “pós”. Habermas (1998) debate a ideia de que a pós-modernidade representa uma rejeição total as grandes narrativas explicativas, que caracterizaram a modernidade, o que nos coloca em uma condição desatualizada diante do ajustar do tempo presente. Por fim, é importante ressaltar que Habermas (2000) não era um opositor das inovações tecnológicas, mas compreendia que deveria haver limites para a compreensão do novo contexto que estava se proliferando por meio de uma nova condição social, limitando o período moderno a finalizar sua definitiva conclusão.

Ao invés de adotar uma visão radicalmente destinada ao pós-moderno, Habermas (2000) propõe uma abordagem mista, onde é possível reconhecer tanto as críticas legítimas à modernidade quanto à necessidade de preservar importantes aspectos dela, como os ideais de igualdade, liberdade e em especial à racionalidade comunicativa, sem que a modernidade fosse vista como um período descartável em favor de uma visão pós-moderna. Habermas (2000) argumenta que a “pós-modernidade”, não é necessariamente uma superação ou um estágio além da modernidade, mas sim uma continuação ou uma transformação dentro dela. Ele discute o idêntico de “pós” como uma forma de encobrir ou obscurecer as contínuas questões tratadas no período anterior. Habermas (2000, p. 422) diz que, “Não se trata mais de concluir o projeto da modernidade; trata-se de revisá-lo. Assim, não que o esclarecimento tenha ficado inacabado, mas apenas não esclarecido”.

As estruturas, valores e abordagens que eram predominantes, podem ter sido superados ou ainda estão em questionamento. O que pode indicar uma mudança drástica sobre a forma de se pensar, nas instituições sociais ou nas amplas visões de mundo. Habermas (2000) denota que:

A abordagem da teoria comunicativa parece só poder salvar o conteúdo normativo da modernidade ao preço de abstrações idealistas. Mais uma vez, levanta-se a suspeita contra o purismo da razão pura comunicativa - dessa vez contra uma descrição abstrata dos mundos da vida racionalizados que não leva em conta as pressões da reprodução material (Habermas, 2000, p. 484).

Habermas (2000) alerta que ao manter-se o uso do prefixo “pós” haverá uma perda na continuidade e das complexidades das questões que estamos lidando, ao invés de ajudar transcender ou resolver os desafios do passado. Em suma, o autor enfatiza a importância de um diálogo crítico e construtivo sobre as transformações da

sociedade contemporânea racional.

O uso do prefixo “pós” pode gerar grandes debates e críticas, já que nem todos os especialistas teóricos concordam com a ideia de que estamos sempre em uma era “pós” algo, como é o caso do Jürgen Habermas. Outros pesquisadores acreditam que essa rotulagem possa ser uma ideia desconexa ou irregular. A perspectiva do filósofo francês Lyotard (2013), por exemplo, considerado como um dos mais influentes teóricos da pós-modernidade, expõe que a definição do prefixo “pós”, em sua obra intitulada “O Pós-Moderno”, que reforça para Lyotard (2013, p. 38) que “O século XX foi o período das descobertas, mas também foi o tempo de desacreditar nestas certezas”. As novas possibilidades de se viver foram despertadas, confrontando o modelo de vida habitual que se construiu ao longo dos séculos anteriores. Sendo assim, para Lyotard (2013), o “pós” em pós-modernidade, indica novas modulações sobre as certezas e as narrativas praticadas ainda na modernidade. Contudo, o autor identifica que o ciclo histórico desse período, foi consumado.

A pós-modernidade é considerada uma condição social e cultural caracterizada por fragmentações, diversidade, liberdade, consumismo, assim como a fragilidade do ser humano, apontada por seu egocentrismo, e a desconstrução de valores e instituições denominadas por Bauman (2007) como “sólidas”. Lyotard (2009, p. 03) descreve que “[...] esta passagem começou desde pelo menos o final dos anos 50, marcando para a Europa o fim de sua reconstrução”. Lyotard (2009) percebeu que a pós-modernidade se instaurou com suas estruturas fundamentais, baseadas no ideário da globalização que interligou o mundo por meio dos recursos tecnológicos, percebidas e desfrutadas socialmente, já no final do século XX.

Pode-se pensar criticamente sobre como atribuímos sentido à história e como usar dessa compreensão para criar um futuro de identidades conscientes. Por isso um esclarecimento relevante que diz respeito aos conceitos da Pós- modernidade e Pós-modernismo² devem ser explanados, pois se faz necessário distingui-los para uma melhor compreensão. O crítico literário e teórico político, Frederic Jamenson (1984), diz compreender à pós-modernidade como uma estrutura que se associa as mudanças globais. Já o pós-modernismo é identificado como um estilo artístico, cultural e filosófico da contemporaneidade de uma sociedade. Eagleton (2014, p. 50)

² Fredric Jameson (1991) discute o pós-modernismo onde que faz referência à sociedade multicultural, em alusão à quebra dos cânones teóricos, afirmada em todas as partes, na publicidade, nos edifícios, na narrativa, na música, na vida cotidiana.

complementa o pensamento ao dizer que “No que diz respeito aos aspectos inegavelmente universais da espécie, o pós-modernismo imaginava que toda conversa sobre uma natureza humana comum deve ser tanto idealista como essencialista”.

Jamenson (1984, p. 25) questiona se, “Precisaríamos realmente de um conceito de pós-modernidade?”, já que as estruturas que a precedem podem ser identificadas por suas conjunções momentâneas que se relacionam com transformações sucessivas. A resposta para tal pergunta poderia ser apenas favorável, pois, apesar da amplitude que o estudo percorre é impossível não evidenciá-los em nosso cotidiano. Contudo, é pertinente que percebamos essa dinâmica, para atestar as singularidades desse fragmento histórico ao qual estamos inseridos, analisando seus pontos positivos e seus aspectos negativos, destacado como a modernidade tardia³.

Ao tratarmos da identidade e da globalização, constata-se que ambas têm noções distintas, mas que podem estar interligadas de muitas formas. A globalização é um fator de grande relevância para a construção da pós-modernidade, sendo associada à dispersão de elementos culturais dominantes, como os da cultura ocidental. De outro modo, a globalização pode criar oportunidades para a interação de culturas e a celebração da diversidade. O acesso a diferentes culturas por meio da comunicação global e das mídias sociais permite que apreciemos e até pratiquemos elementos de várias tradições, construindo identidades com elementos mistos. O indivíduo abrange aspectos como cultura, valores, opiniões, histórico, língua, tradições e outros elementos que são importantes para a formação da sua personalidade ou de um grupo ao qual se encontra inseridos.

Para o teórico cultural e sociólogo, Stuart Hall (2006), a definição de indivíduo não se baseia apenas em uma corporação isolada, mas sim um produto de interações sociais e de influências culturais. Ele argumenta que as identidades individuais não são fixas, naturais ou predeterminadas, mas são construções sociais que se formam através de processos históricos e culturais. As identidades estão sujeitas a mudanças e negociações constantes, dependendo do contexto social e das relações de poder.

A pós-modernidade e a identidade do sujeito contemporâneo serão fatores relevantes que darão protagonismo a esse debate. Alguns autores contribuirão com

³A modernidade tardia é um processo de mudanças ininterruptas que afetam as bases da sociedade ocidental. É caracterizada pela “diferença”; por atravessar diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito”, isto é, identidades para os indivíduos” (Hall, 2006).

suas perspectivas de estudo acerca do tema. Dentre eles temos o geógrafo britânico, David Harvey (2008) com sua obra “Condição Pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural”. Essa obra colaborará com conceitos indispensáveis para a composição deste descrito.

Em sua análise sobre a pós-modernidade, Harvey (2008) expõe questões que abordam a fragmentação do espaço, a fluidez das identidades e a influência da cultura e do consumismo no cotidiano desse novo sujeito. Explorando as experiências iniciais da modernidade, destacadas pelas rápidas alterações das noções de espaço e tempo até que se alcançasse o período da pós-modernidade. Harvey (2008) destaca:

A aceleração na produção foi alcançada por mudanças organizacionais na direção da desintegração vertical - subcontratação, transferência de sede etc. - que revertem à tendência fordista⁴ de integração vertical e produziram um curso cada vez mais indireto na produção, mesmo diante da crescente centralização financeira (Harvey, 2008, p. 257).

A compressão do tempo é um ponto pertinente no estudo do mundo pós-moderno. Que se refere à sensação de uma aceleração ou encurtamento das experiências temporais. Harvey (2008) observa que a modernidade e a contemporaneidade compartilham um interesse contínuo na tecnologia e na inovação. Ambos os períodos viram avanços significativos na ciência, na indústria e na comunicação. Harvey (2008) argumenta que a pós-modernidade é caracterizada pela fragmentação e pela diversidade, enquanto na modernidade busca por narrativas unificadoras. Na pós-modernidade múltiplas perspectivas e identidades coexistem, desafiando ideias de uma verdade única ou universal.

São inegáveis como os avanços tecnológicos juntamente com o capitalismo, se tornaram forças que contribuem e muito para a vida conturbada que se vivencia em resoluções das atividades cotidianas. Mas apesar disso, toda essa agitação habitual nos proporciona praticidade. Exemplo disso é a forma instantânea como nos comunicamos com quem está próximo ou à milhas de distância. Podem-se obter informações em tempo real, realizar afazeres de forma ágil e eficaz. É possível fazer com que a circulação do dinheiro seja manuseada com recursos cada vez mais inovadores e acessíveis indivíduo entre outros inúmeros exemplos.

Em seu trabalho, Harvey (2008) destaca algumas permanências entre a

⁴ O sistema Fordista é um termo que se refere ao modelo de produção em massa de um produto, ou seja, ao sistema das linhas de produção. O Fordismo foi criado pelo norte-americano Henry Ford, em 1914, revolucionando o mercado automobilístico e industrial da época.

modernidade e o período contemporâneo, com ênfase no contexto do capitalismo, onde Harvey (2008) argumenta que a busca pela acumulação de capital é uma constante realidade tanto na modernidade quanto na contemporaneidade. Harvey (2008) expõe que:

Fortunas podem ser perdidas ou feitas apenas por se ter a unidade monetária correta nas fases certas. A questão de qual moeda mantenho comigo tem uma ligação direta com o lugar em que confio. Isso pode ter alguma relação com a posição econômica competitiva e o poder de diferentes sistemas nacionais (Harvey, 2008, p. 268).

O capitalismo, em todas as suas fases, depende da contínua expansão e acumulação de capital para sustentar-se. Na modernidade, houve uma reorganização espacial e temporal significativa devido ao desenvolvimento do capitalismo industrial, enfatizando a importância do espaço e do tempo na dinâmica do capitalismo. Conforme Harvey (2008, p. 268), o período contemporâneo mantém novas formas de globalização e tecnologias de comunicação, encurtando as distâncias e acelerando os processos, “quanto menos importantes às barreiras espaciais, tanto maior a sensibilidade do capital às variações do lugar dentro do espaço e tanto maior o incentivo para que os lugares se diferenciem de maneiras atrativas ao capital”.

Harvey (2008) ainda descreve que as contradições inerentes ao capitalismo, como as disparidades de classe, a exploração de mão de obra e as crises econômicas, persistem tanto na modernidade quanto na contemporaneidade pós-moderna. O que fez com que o sistema capitalista dependesse da busca incessante pelo crescimento econômico. Isso implica a exploração contínua do consumo em larga escala e a expansão do mercado. Harvey (2008) expõe que:

Dentre os muitos desenvolvimentos da arena do consumo, dois têm particular importância. A mobilização da moda em mercados de massa (em oposição a mercados de elite) forneceu um meio de acelerar o ritmo do consumo não somente em termos de roupas, ornamentos e decoração, mas também numa ampla gama de estilos de vida e atividades de recreação (hábitos de lazer e de esporte, estilos de música pop, videocassetes e jogos infantis etc.). Uma segunda tendência foi a passagem do consumo de bens para o consumo de serviços - não apenas serviços pessoais, comerciais, educacionais e de saúde, como também de diversão, de espetáculos, eventos e distrações (Harvey, 2008, p. 258).

A visão de Harvey (2008) sobre as permanências entre a modernidade e a pós-modernidade oferece lentes crítica para que seja possível entendermos como o capitalismo molda e é moldado pelas condições sociais, econômicas e espaciais que estão em constantes transformações.

É importante destacar que existe uma vasta perspectiva sobre a temática da pós-modernidade, mas as ideias de Harvey (2008) são apenas uma das abordagens dentro desse debate. Alguns teóricos argumentam que esse período se tornou mais uma questão cultural do que uma condição histórica, enquanto outros contestam a própria existência da pós-modernidade como uma fase diferenciada das demais, segundo Harvey (2008):

O incentivo à criação do mercado mundial, para a redução de barreiras espaciais e para a aniquilação do espaço através do tempo, é onipresente, tal como o é o incentivo para racionalizar a organização espacial em configurações de produção eficientes (organização serial da divisão detalhada do trabalho, sistemas de fábrica e de linha de montagem, divisão territorial do trabalho e aglomeração em grandes cidades), redes de circulação (sistemas de transportes e comunicação) e de consumo (formas de uso e de manutenção das residências, organização comunitária, diferenciação residencial, consumo coletivo nas cidades) (Harvey, 2008, p. 212).

A análise abordada demonstra às transformações sociais, culturais e econômicas que a caracterizam, incluindo a fragmentação espacial e temporal com as quebras de barreiras de distâncias e a importância da estética nessa cultura. Como Bauman (2007) salienta em suas obras, por exemplo, a base desse contexto em ascessão, expõe a necessidade de se acompanhar o ritmo da sociedade contemporânea tal como ela é, o que tem promovido ao indivíduo pós-moderno a sensação de falta de tempo, tornando a vida social focada em esforços físicos e mentais, providos de diversos afazeres cotidianos a se cumprir em um ritmo hiperativo para se cumprir tamanhas demandas diárias.

Dar-se prosseguimento à temática sob a ótica de outros pensadores que estão correlacionados a centralidade da pesquisa. A pós-modernidade tem levantado críticas ao conceito de progresso, que foi fundamental para a superação da era moderna. A pós-modernidade enfatiza que o progresso não é algo inevitável e linear, mas é uma construção social que está sujeita a diversas reversões. A pós-modernidade desafia a concepção de história e de progresso que estava se caracterizando antes mesmo da modernidade ser identificada. O que nos convida a repensar sobre a compreensão do passado e a estarmos em alerta sobre as descobertas do futuro, afim de não sermos apenas uma peça descartável de um estágio histórico ainda em construção. Para isso é necessário que estejamos atentos aos novos conhecimentos que estão em expansão, que interligam o mundo e rapidamente se reproduz.

O autor Polonês Zygmunt Bauman (2004), distingue a modernidade em dois

períodos. O primeiro sendo, a “Modernidade Sólida” e a atual, ao qual estamos inseridos, chamada de “Modernidade Líquida”. Para discutir as condições da pós-modernidade e compreender as constantes transformações do mundo “moderno”, o autor utiliza o termo “líquido”, por relatar os indícios da “pós-modernidade” que sucedeu ao período anterior. Bauman (2001) aponta o século XX como o grande impulsionador da passagem da sociedade de produção para a sociedade de consumo, levando em consideração a grande evolução industrial que aconteceu durante este século.

Bauman (1997, p. 08) visa que as práticas contemporâneas da sociedade ocidental aparentemente estão sendo arrastadas a protagonizarem costumes que ela mesma demonstra ser equivocadas, ou imorais mediante ao que a história constata, portanto “Resta a ver se o tempo da pós-modernidade passará para a história como crepúsculo ou como renascimento da moralidade”. Sendo assim, torna-se indispensável compreender as mudanças recorrentes, analisar o comportamento do homem secular dando destaque ao seu modo de criar relações e rompê-las tão rapidamente.

Uma das grandes críticas de Bauman (2007) remete a como o mercado consumidor transformou as relações interpessoais, o que pode ter modificado a construção da estabilidade do homem devido ao anseio em consumir. Bauman (2007) descreve com muita clareza os efeitos dessa busca incessante por tantas transformações:

Vocês vão se entediar com seus empregos, suas esposas, suas amantes, a vista de suas janelas, a mobília ou o papel de parede do seu quarto, seus pensamentos, vocês mesmos. Consequentemente, vocês vão tentar encontrar maneiras de fugir. Além dos artifícios de auto-satisfação mencionados acima, vocês podem recorrer à mudança de emprego, de residência, de empresa, de país, de clima, podem assumir a promiscuidade, o álcool, viagens, aulas de culinária, drogas, psicanálise (Bauman, 2007, p. 109).

Para o autor, esse período pontua a satisfação pessoal. O que leva o sujeito ao consumismo, em uma tentativa de fortalecer o seu ego. Ainda assim, esses atos não são capazes de satisfazer o seu “eu”. Com isso, o sujeito busca de forma contínua saciar suas necessidades, o que o vincula ao consumismo exagerado, pois nada mais se torna suficiente para contentá-lo. Assim, tudo pode ser facilmente descartável, substituível, comprado, inclusive a relação interpessoal com o próximo.

Para Giddens (2005) mudanças estruturais profundas vêm provocando

transformações macropolíticas e macrossociais, condicionando a experiência humana em todo o mundo. Essas macro-transformações, resultam de ações conjugadas dos processos de globalização, informatização das redes sócio-organizacionais, da crise do sujeito e do Estado-Nação, deixando a sensação de vazio e desequilíbrio de “desmonte” e “descontrole” jamais vividos historicamente. A globalização constitui este processo de alongamento, na medida em que as modalidades de conexão entre diferentes regiões ou contextos sociais se enredam pela superfície da terra como um todo. Fenômeno histórico-social de longa data, a globalização não tem significado único.

A modernidade marca historicamente inúmeros fatos que repercutiram na sociedade ocidental. Historicamente a modernidade é apresentada como um processo de alteração sobre as relações sociais e também a percepção dos indivíduos a coletividade devido à segregação das classes sociais, ao individualismo, a insegurança, ao abandono da moral advinda do caráter cristocêntrico. Giddens (1997) descreve que:

O mundo em que vivemos hoje é um mundo carregado e perigoso. Isto tem servido para fazer mais do que simplesmente enfraquecer ou nos forçar a provar a suposição de que a emergência da modernidade levaria à formação de uma ordem social mais feliz e mais segura. A perda da crença no “progresso”, é claro, é um dos fatores que fundamentam a dissolução de “narrativas” da história (Giddens, 1997, p. 15).

Além desses fatores, não se pode ignorar a expansão e os avanços tecnológicos que se desenvolveram gradativamente e ainda hoje estão presentes em nossa interação social, o que torna o mundo cada vez mais interligado globalmente.

Giddens (1991, p. 69) afirma, que “a modernidade é inerentemente globalizante”. Portanto, o ideário de globalização passa a ser identificada em toda vivência humana desde que a modernidade foi percebida internacionalmente. A modernidade passou a ser uma força motora no mundo, tendo suas bases firmadas em novos métodos fortalecidos pela estruturação dos estados capitalistas, fazendo com que a globalização ganhasse força e se expandisse. Esse modelo abrangeu aspectos ao poder global, além dos fatores internacionais, transnacionais e o mundial. O método do processo da globalização e o modo como somos contagiados por essa crescente modernização, definem as novas formas de se viver na contemporaneidade. Diante do cenário do século XX, grandes transformações sociais continuaram a ocorrer até a chegada do século XXI. Assim, o efeito da sociedade globalizada passou a ser característica explícita na configuração deste novo período.

Dando continuidade ao tema, discorreremos sobre a perspectiva do sociólogo britânico-jamaicano (1932-2014), que nasceu na Jamaica, mas domiciliou-se na Inglaterra, Stuart Hall, que foi uma proeminente influência nos estudos sobre a pós-modernidade, que apresenta por meio dos seus escritos relevantes contribuições para a investigação acerca do conceito da identidade cultural do sujeito. Sua obra “A identidade cultural na pós-modernidade” (2006), se tornou uma considerável referência para o entendimento das vertentes que se conectam ao tema. Na argumentação de Hall (2006) constata-se que as identidades não são naturais ou pré-determinadas, mas sim produtos de processo. Assim, a centralidade desse estudo nos ajudará a compreender por perspectivas as mudanças de curso desde o final do século passado, visto que a pós-modernidade é um conceito criado para compreender e pensar sobre as mudanças e as permanências em relação aos séculos passados no ocidente, entre outros padrões correlacionados a esta nova configuração de sociedade.

O que se pôde ser identificado até o presente momento é que houve um despertar dos indivíduos sobre o formato de mundo e cultura ao qual estamos inseridos. Para Hall (2006, p. 09) “Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais”.

Por meio de tantas transformações coletivas, vem à tona a compreensão da possibilidade de que a modernidade de fato se despediu de muitas das suas práticas por meio da imediata evolução à pós-modernidade. Para Hall (2006, p. 09) “Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados”. Assim, surgem identidades que superam os moldes recorrentes aos períodos históricos antecedentes, com uma nova interpretação da identidade de um sujeito pós-moderno.

Hall (2006) passa por uma série de filósofos para fundamentar seus argumentos, descrevendo três conceitos de identidade que nos ajudará a compreender a estruturação histórica do padrão de sujeitos, até alcançar o período atual. A primeira destacada por Hall (2006, p. 11) é a do Sujeito do Iluminismo [...] “mas pode-se ver que essa era uma concepção muito “individualista” do sujeito e de sua identidade”.

Essa concepção se ampara na identificação do sujeito ao compor a essência do seu próprio eu. Nessa análise é possível identificar que tal identidade é propagada por uma conduta egocêntrica, mas com disposições constantes de ajustes e reajustes em

benefício próprio. Nesse sentido, essa identidade é narrada de modo particular, onde é possível desenvolver hábitos que poderão ser praticados ao longo da vida, mas aderindo influências de conceitos culturais, intelectuais entre outras experiências, até o alcance da sua abrangente composição individualista:

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia numa núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo-contínuo ou “idêntico” a ele - ao longo da existência do indivíduo (Hall, 2006, p. 10-11).

Não se pode descartar que o sujeito do iluminismo, tendia a acreditar em ideais universais, pela razão, em busca da liberdade e da igualdade, sendo fundamentais fatos importantes para o progresso humano. Valorizando a razão como um meio principal de compreensão do mundo e de tomada de decisões. O progresso humano introduziu o avanço ao conhecimento, a ciência e a tecnologia, e vê o desenvolvimento humano como uma marcha em direção a uma sociedade mais justa e igualitária. Colocando o ser humano no centro de suas preocupações em busca do bem-estar e da realização pessoal e coletiva, sendo composições que despertaram o sujeito iluminista a busca pela razão.

Em seguida é descrito por Hall (2006, p. 11) o Sujeito Sociológico. Este aponta o quão o mundo moderno pode ser confuso, pois a massa compreende que o seu “eu” interior jamais será capaz de exercer domínio social, já que se encontra sob o comando de quem realmente provê interesses regidos, [...] “que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolo - a cultura - dos mundos que ele/ela habitava”. Segundo Hall (2006, p. 11) desse modo foi necessário construir uma identidade exterior compartilhada, a fim de fortalecerem-se por meio de grupos sociais, comunidades étnicas, movimentos políticos ou culturais, [...] “mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem”.

Hall (2006) destaca a junção e a sobreposição de diferentes culturas, resultando na formação de identidades mistas e fluídas. Hall (2006) também enfatiza a capacidade dos sujeitos sociológicos de exercer agência e resistência dentro das estruturas sociais dominantes, desafiando normas e estereótipos. A identidade nessa concepção sociológica preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” entre o mundo pessoal.

A identidade se constrói por meio das relações, das diferenças e oposições, entre outras categorias sociais, que define quem somos em relação aos outros, para assim ajustarmos nossa posição na sociedade. Hall (2006, p. 12) descreve que “Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente”.

Esses três conceitos de identidade expostos por Hall (2006) enfatizam a evolução dos períodos históricos construídos pelo homem e socialmente praticados por suas identidades temporais. Desafiando abordagens de caráter definitivo, este que vê a identidade como algo permanente ou determinado por características específicas, mas se encontram em um estado de abolição devido à chegada e expansão dos efeitos da pós-modernidade.

Ao compararmos o pensamento de Bauman (2007), sobre a liquidez do homem contemporâneo, vemos que Hall (2006, p. 07) compactua com a argumentação de que a pós-modernidade também se caracteriza pela fragmentação, pluralidade e multiplicidade de discursos culturais que desafia as noções tradicionais de identidades tidas como perduráveis, visto que [...] “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”.

A pós-modernidade vem construindo uma noção de identidade cultural ao sujeito de instabilidade sobre seu próprio “eu”, por estar em repentinas transformações. Hall (2006, p.13) afirma que a identidade contemporânea “É definida historicamente, e não biologicamente”. A cultura acrescenta seu impacto nessa reconfiguração, sobre o modo como podemos entender ou experimentar cotidianamente a identidade do sujeito pós-moderno.

Como foi exposta por Hall (2006), a identidade na pós-modernidade não releva apenas os fatores biológicos ou culturais. Sendo assim, a identidade passa a ser resultado das relações sociais e discursivas, enfatizada pela importância de representações simbólicas, de discursos dominantes e da renovação de práticas culturais em sua construção e na sua contestação.

A identidade do sujeito pós-moderno pôde ser percebida por movimentos sociais e políticos que se fortaleceram no fim do século XX, onde já se questionavam as estratégias para reivindicar o conceito predominante de identidade. Hall (2006, p. 13) pondera que embora esses movimentos tenham sido importantes na luta contra a

opressão ou a marginalização aos adeptos dessa nova forma de ser, pensar e agir “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente”.

Apesar de ainda recente, a tendência pós-moderna é vista como inclusiva, concedendo ao homem o direito de assumir a identidade que lhe agrada. Hall (2006) descreve que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente” (Hall, 2006, p. 13).

A sociedade moderna está rapidamente se inclinando às mudanças ativas e as constantes transformações que as diferem de contextos tidos como definitivos, providos de dimensões tradicionais de períodos passados. O individualismo e a autonomia passaram a serem valores centrais e políticos de tal momento histórico. Hall (2006, p. 29) enfatiza que “As teorias clássicas liberais de governo, baseadas nos direitos e consentimento individuais, foram obrigadas a dar conta das estruturas do estado-nação e das grandes massas que fazem uma democracia moderna”.

Assim, o sujeito moderno se tornou mais racional, desapegando-se de dogmas religiosos, mas ainda alinhado e praticante de alguns preceitos que já lhe antecederam. Sua noção ressalta o conceito de que cada homem é uma corporação separada, responsável por suas próprias escolhas e pela construção do seu próprio destino.

Com base nessa percepção, Hall (2006) argumenta que de fato a figura do sujeito moderno foi problematizada por ignorar as formas pelas quais o poder e as desigualdades sociais estavam estruturando as relações interpessoais naquele período. Assim, o autor examina que esses conflitos resultaram em divisões sociais, com destaque as classes sociais, raça, gênero entre outros modelos considerados oprimidos, por serem frequentemente ocultadas por conceitos ainda praticados na modernidade.

Com essa constância das divisões sociais, Hall (2006) expõe que as transformações sociais e culturais do século XX promoveram à morte do sujeito moderno, trazendo consigo desafios significativos para essa nova concepção de mundo. Ele observa que as lutas sociais ao decorrer dos séculos questionam as noções de sujeito individual, egoísta e revelaram as formas complexas da subjetividade do

interesse em benefício próprio:

Este modelo sociológico interativo, com sua reciprocidade estável entre “interior” e “exterior”, é, em grande parte, um produto da primeira metade do século XX, quando as ciências sociais assumem sua forma disciplinar atual. Entretanto, exatamente no mesmo período, um quadro mais perturbado e perturbador do sujeito e da identidade estava começando a emergir dos movimentos estéticos e intelectuais associado como surgimento do Modernismo (Hall, 2006, p. 32).

Além disso, com o surgimento das mídias, inovações tecnológicas de comunicação fortaleceram-se a amplitude e possibilidades de representação e identificação.

Até aqui podemos constatar que as identidades individuais podem ser construídas por meio de práticas discursivas e representações culturais, o que não denomina que elas sejam únicas e definidas, pois o sujeito moderno não é mais uma figura imutável. A morte do sujeito moderno representa a crise da visão elementar dominada pelo sujeito egocêntrico, dando lugar a uma compreensão mais relevante, o que pode ter contribuído para a subjetividade ou superficialidades dos fatos, tais como são.

Uma das teses ímpares dessa obra está na noção do significado do termo “descentrando o sujeito⁵”. Durante os períodos anteriores da história, a identidade era tida como algo inquestionável e singular, até a chegada da controvérsia do pensamento pós-moderno, onde Hall (2006, p. 38) diz que [...] “a identidade é realmente algo formado do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”.

O conceito do sujeito descentrado, explanado por Hall (2006, p. 34), sugere que a identidade cultural na pós-modernidade seja um processo passageiro, descrito como um “deslocado”, no percurso histórico da sociedade ocidental, pois os que se mantiveram tradicionais a seu modo de vida, vêm “esse deslocamento através de uma série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno”. Ou seja, a partir da segunda metade do século XX, começou a ser evidenciado que o período moderno estava sofrendo uma série de discontinuidades.

As mudanças na pós-modernidade, expõe uma série de pluralidades de identidades, recorrentes das diversidades culturais e pelas fragmentações de experiências que não devem delinear a escolha do sujeito sobre o modo opcional de se

⁵ O termo descentrando o sujeito faz referência ao deslocamento ou fragmentação do sujeito na vida pós-moderna. (Hall, 2006).

viver. Além de preservar suas novas composições, é necessário o consentimento sem nenhuma objeção que o modelo tradicional se mantenha sem nenhuma variante, para que o sujeito esteja de fato livre para escolher a composição da sua identidade cultural. Pois, a importância de reconhecer a natureza construída por sua identidade e se engajar em processos de reflexão com questionamentos sucessivos, que corroborem para o processo democrático na vivência das sociedades plurais.

A aplicação da identidade cultural defendida por Hall (2006, p. 53) e pela pós-modernidade contestará se de fato, “Os elementos essenciais do caráter nacional permanecem imutáveis, apesar de todas as vicissitudes da história. Está lá desde o nascimento, unificado e contínuo, “imutável” ao longo de todas as mudanças, eterno”. Sendo assim, a história narrará às conjunturas do desenvolvimento desse processo, tendo as definições do seu estudo ainda recentes.

Já a introdução do capítulo três da obra de Stuart Hall (2006), intitulada como “As Culturas Nacionais Como Comunidades Imaginadas”, examina como as culturas nacionais no mundo pós-moderno estão sendo construídas por meio do imaginário. Para isso há a uma análise investigativa onde se compreende como os sujeitos se identificam e se relacionam. O que faz o autor Hall (2006, p. 47) concluir que as culturas nacionais não são uma corporação uniforme, mas sim construções sociais compostas pelo “sujeito fragmentado”, perpetuando ao longo do tempo.

A ideia de comunidade imaginada faz referência à percepção coletiva de pertencimento a uma cultura nacional. O autor explora como essa percepção é moldada por narrativas históricas, mitos, símbolos e práticas culturais compartilhadas. Fatores externos do cotidiano corroboram para a forma como atualmente tem sido composta e vivenciada a identidade cultural de cada sujeito.

Para Hall (2006, p.58), uma cultura nacional se ampara em três conceitos bases sobre a abordagem da comunidade imaginada, que são [...] “as memórias do passado; o desejo por viver em conjunto; a perpetuação da herança”. O autor discorre que “As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades” (2006, p. 51), sinalizando que as identidades culturais são construídas por meio de representações simbólicas e discursos que moldam a percepção coletiva de pertencimento a um determinado grupo ou nação.

Além disso, são abordadas as tensões e os desafios enfrentados pelas culturas

nacionais, que são estimulados por seu próprio protagonismo. Porém, Hall (2006, p. 48) ratifica que, [...] “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas, no interior da representação.” Considera-se que a globalização e as redes de informação têm norteado o aumento da diversidade cultural junto à mistura de influências culturais, o que gera debates sobre autenticidade cultural, preservação da identidade nacional, e a promoção e proteção das culturas nativas.

A ideia central das nações modernas serem comunidades imaginadas é construída pelos indivíduos que as compõem, sem que haja qualquer vínculo interpessoal, mas que as associem, desafiando a ideia de uma identidade nacional, homogênea e tradicional. Hall (2006, p. 51) “Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas”. Assim, ambos compartilham da mesma percepção com base nas narrativas perpetuadas por mitos e símbolos repercutidos entre si de geração em geração.

Hall (2006) manifesta em sua visão de estudo que a cultura nacional não apresentar traços tão modernos como se repercutem. Assim são construídas identidades representativas, entre o passado e o futuro. Deste modo Hall (2006) contextualiza o discurso da cultura nacional ao dizer que:

Ele se equilibra entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade. As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele, “tempo perdido”, quando a nação era “grande”; são tentadas a restaurar as identidades passadas. Este constitui o elemento regressivo, anacrônico, da história da cultura nacional (Hall, 2006, p. 56).

Nesse contexto, a narrativa da nação como uma comunidade imaginada pode ser questionada. Os sujeitos que a compõem podem se identificar por múltiplas identidades simultaneamente, e encontrar conexões em comunidades transnacionais ou globais que transcendam suas fronteiras nacionais. Porém, o sujeito também pode permanecer fiel aos conceitos do passado em busca de manter sua identidade intacta ao discurso da cultura nacional.

Para alguns estudiosos, a pós-modernidade se caracteriza pela pluralidade e diversidade cultural com uma ampla gama de identidades coexistindo alinhadas em uma mesma sociedade. Hall (2006) relata que:

Cada movimento apelava para a identidade social de seus sustentadores. Assim, o feminismo apelava às mulheres, a política sexual aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas, assim por diante. Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a política de identidade - uma identidade para cada movimento (Hall, 2006, p. 45).

As mudanças conceituais ocorridas sobre as reformulações temporais, desde o movimento Iluminista até a chegada da Pós-modernidade tornou a sociedade desalinhada já que ainda estamos atrelados as prática tradicionais de décadas atrás, mas vivendo sob uma nova estrutura de componente. Hall (2006) aponta que:

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial (Hall, 2006, p. 47).

Tais conceitos já estavam presentes desde no período moderno, porém foi criado um discurso sobre a estabilidade das identidades. O que não passavam de mitos. Já na pós-modernidade tem sido notória como as identidades estão sendo constituídas na artificialidade, de caracteres contraditórios que resultaram em uma perpetuação profunda dos sujeitos fragmentados.

Contudo, o que o autor pressupõe sobre a nova modulação contemporânea de pensamento é que, apesar de tamanhas mudanças a cultura nacional se empenha em manter as particularidades da sua própria identidade cultural na busca por constituir laços fortes a todos os seus pertencentes, mesmo não se afirmando que qualquer cultura seja efetivamente neutra, estamos submetidos a divisões sociais e suas variáveis que afetam a singularidade de cada cultura, pois segundo Hall (2006, p. 61 - 62) “em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade”.

Como foi apresentado, nesse tópico, que busca compreender como é construída e vivenciada a identidade de quem se encontra em um mundo cada vez mais interconectado. Na pós-modernidade, as narrativas de identidade nacional recebem influências de culturas globais, seja pela industrialização, tecnologia da informação, entre outros modelos de impacto internacional. O ingresso dos indivíduos externos sobre as fronteiras das nações agregam inúmeros fatores para discutir os dilemas dessa

nova condição nacional, como considera Hall (2006, p. 65), pois, “assim, quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para “costurar” as diferenças numa única identidade”.

A perspectiva da identidade do sujeito pós-moderno é o tópico de princípio central deste estudo. Essencialmente, o sujeito identificado como unificado, destacado no período iluminista, demonstra que sua identidade se manteve socialmente definida. Com a evolução do século a sociedade se reconfigurou a ponto de surgirem outras identidades que se estabilizaram e se perpetuam até o presente século. O sujeito pós-moderno se encontra fragmentado, o que representa uma travessia de mudanças tradicionais que passam a atender diversas divisões sociais, resultando no descentramento do “eu”. Devido ao antagonismo social do sujeito unificado, as dinâmicas de atribuição às relevâncias das identidades que surgiam se tornavam cada vez mais evidentes.

É importante observar que algumas críticas da obra de Hall (2006, p. 08) sobre a temática da identidade possa ser compreendida como excessiva ou determinista em relação aos efeitos da globalização e aos diversos discursos dominantes na formação dessas identidades, assim como “a opinião dentro da comunidade sociológica está ainda profundamente dividida quanto a esses assuntos”.

Há diferentes narrativas teóricas para Hall (2006, p. 41) abordar a forma como o sujeito possa representar a sua identidade visto que, “tudo que dizemos tem um “antes” e um “depois” - uma “margem” na qual outras pessoas podem escrever”, o que condiz também em manter exteriormente deferível a composição das práticas costumeiras que se mantiveram ativas, que seguem o padrão das identidades compostas pelos séculos antecessores. Contudo, o descentramento do sujeito pode gerar incertezas e instabilidades, uma vez que somos confrontados pela constante carência em negociar e redefinir as identidades neste mundo globalizado e de rápidas transformações estruturais.

A pós-modernidade também se caracteriza por suas múltiplas perspectivas, sendo uma fragmentação do conhecimento com ênfase na diversidade cultural. Em vez de uma única história unificadora, há uma variedade de pequenas narrativas em seu teor. As visões de identidade observada no desenvolvimento das leituras que compõe esse estudo exprimem à construção de uma pesquisa exploratória que confirma por

meios de teóricos renomados a existência de outras identidades sociais, que não se mantiveram estáveis ou culturalmente clássicas conforme a chegada da pós-modernidade. Apesar disso, ainda há contestações que devem ser apontadas, referentes à brusca ruptura entre modernidade e ao período atual.

Constata-se que a evolução dos períodos históricos foi desconstruindo antigas práticas na cultura de várias tradições em exercício de diversos grupos sociais. A pós-modernidade nos oferece uma ótica crítica sobre as noções estabelecidas aos tipos de identidades culturais, destacando sua importância ao contexto social e histórico, sendo descrita por uma exclusão das grandes narrativas, com ênfase na fragmentação, na multiplicidade de perspectivas e na desconstrução de conceitos tradicionais. Os teóricos que fazem parte desse estudo nos ajudaram a perceber significativamente a compreensão sobre as mudanças culturais e sociais na era pós-moderna, incluindo as transformações nas concepções de identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em questão contemplou as profundas e significativas mudanças históricas ocorridas antes e durante ao que foi denominado como “pós-modernidade”, que vem avançando por inúmeras transformações reforçadas pelo impacto contemporâneos do século XXI. Reformulando diversas formas de se pensar, agir, reconhecendo à multiplicidade a partir das identidades discernidas. Os aspectos culturais e tradicionais que definiam a estrutura da sociedade ocidental, reconsiderada pela percepção da identidade(s) do sujeito(s) pós-moderno(s), foram fatores determinantes para a mudança cultural de hábitos convencionais, reestruturando completamente a visão de mundo e a forma de expressar características de uma nova identidade.

Conforme Baumam (2007), a modernidade já estava se alinhando ao exercício da contestação de práticas e valores tradicionais, como o questionamento ao teocentrismo adotado durante séculos. Com a chegada da pós-modernidade impulsiono-se várias indagações sobre valores e crenças, que ainda se perpetuam e se garantem como absolutas, mas passaram a ser recusadas por uma gama de opositores com fortes perspectivas à diversidade. O ideário da identidade pós-moderna se caracteriza por uma compreensão propícia a mudanças, passando a se associar com maior sensibilidade à inclusão, a multiplicidade de identidades e experiências cotidianas dos partidários. Sentindo-se livre para recusar um modelo de vida tradicional e padronizado para priorizar a vasta pluralidade conquistada no período atual.

A identidade contemporânea remete a prática das coisas não duráveis, determinando que se possa substituí-las após seu uso e proveito não duradouros. Um padrão que exemplifica bem essa perspectiva se dá pela rápida troca de eletrônicos ou eletrodomésticos, que ao invés de se investir em seu conserto, prioriza-se a adesão de algo novo, que futuramente poderá passar por esse mesmo percurso do descarte. Essa rejeição tem se estendido as relações interpessoais, onde há a oscilação de prioridades ou interesses. Bauman (2007) descreve que esse desinteresse faz parte da nova composição da identidade do sujeito pós-moderna, onde seus interesses devem saciar suas vontades, sendo um sujeito funcional, rodeados de amigos virtuais e livres para descartar de tudo que supostamente dificultam seu novo modo de vida.

Outro ponto pertinente desta pesquisa se dá pela repercussão do sistema tecnológico por expandir-se tão rapidamente na era pós-moderna, tendo por incentivo os novos recursos no mercado de trabalho, entre outros fatores que trouxeram a praticidade para o cotidiano social. Segundo Moraes (2000, p. 212), estamos passando “por uma nova era quando a produção da cultura tornou-se integrada à produção de mercadorias em geral: a frenética urgência de produzir bens com aparência cada vez mais nova”. Esse conceito abre margens para que o leitor possa analisar se os fatores contemporâneos estão contribuindo ou podem ser relativizados pela forma de pensar e agir do sujeito crítico. O que implica diretamente sobre a composição da sua identidade, apesar da interligação global se manter socialmente proativa.

A exploração dos aspectos da pós-modernidade são necessárias para que haja uma análise reflexiva e aprofundada acerca das características que apontam seus aspectos proeminentes e fatores notáveis, assim como os desafios que devem ser reavaliados para se tornar ativos à condição temporal vivenciada. Para a sociedade, esse é um paradoxo contemporâneo crítico, pois demonstra dualidade dos feitos e efeitos ao atual período histórico. Nogueira (2011, p. 10) reflete que [...] “a pós-modernidade é uma árvore de muitos galhos porque tem múltiplas dimensões e pode ser lido de diferentes maneiras. Ainda hoje é um tema controvertido, mesmo que seja menos controvertido do que foi alguns anos atrás”.

Giddens, (1990) *apud* Hall (2006, p. 15) contextualiza que as frequências das mudanças consequentes da contemporaneidade são dirigentes das repentinas mudanças sociais, pois “à medida que as áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da terra”. O que Hall (2006) destaca em sua narrativa é que há uma essência interior individual em cada sujeito, e por meio das interações com os diversos ramos culturais, as identidades poderão encontrar vastos repertórios para a construção de novas formas de identidade.

Bauman (2007) também relata que os medos contemporâneos mais temerosos são frutos da incerteza existencial, das interpretações enganosas deduzidas pelo próprio indivíduo, o que impede a convivência e interação com as diversidades ao nosso redor. O advento da globalização, a tecnologia da informação e a nova concepção de sociedade estabelecida pela pós-modernidade remete a reflexões acerca da identidade do sujeito inserido neste contexto, no qual as mudanças são rápidas,

repetitivas e constantes. A composição e instabilidade da pós-modernidade cria identidades que reforçam o ideário da diversidade.

Apesar dos pontos conflitantes apresentados pelos vastos autores ponderados nesse estudo, é possível perceber que a soma maioria se mantém resistes em ser à era pós-moderna, camuflando o que de fato a sociedade contemporânea é capaz de prover. Ao ler as obras dos estudiosos citados na pesquisa, é visível que há um esforço para que se evidenciem com maior ênfase os obstáculos existentes, mesmo que os autores apreciados tenham se beneficiado do que a pós-modernidade lhes oportunizaram.

Crê-se que seria necessário ressaltar com mais clareza as vertentes convenientes presentes nessa era, como o progresso científico e tecnológico, o poder da globalização, a interconexão, a rapidez temporal, entre tantos outros benefícios que facilitam a vida de uma grande massa social, que por meios das praticidades advindas desse processo histórico, filosófico e social, podem favorecer grandes inovações, que serão aperfeiçoadas ao decorrer do que a pós-modernidade for capaz de proporcionar.

Esse novo período histórico tem sido impulsionado por importantes mudanças, com destaque ao cenário identitário, que modificou radicalmente a maneira como nos relacionamos, nos comunicamos, acessamos informações ou nos reconhecemos. Assim, o sujeito pós-moderno se manifesta pela capacidade de percorrer por diferentes encargos das suas identidades, conforme as mudanças dos contextos ao seu redor. Este fenômeno pode ser identificado como uma contestação da ideia de identidades fixas e estáticas do passado, permitindo uma maior concretude e flexibilidade na construção do seu próprio “eu”. Enquanto celebram-se a diversidade e a liberdade proporcionadas pela fluidez identitária do sujeito pós-moderno, é necessário examinar criticamente os desafios e as consequências dessa condição.

Contudo, essa temática demandará muito estudo para que sua notoriedade seja minuciosamente assimilada. Todos os estudos aparentam-se recentes para que a identidade pós-moderna seja julgada e determinada por óticas ainda em construção, pois a identidade do sujeito pós-moderno continua a ser um campo de investigação e reflexão, onde as respostas não são definitivas e as perguntas se multiplicam à medida que navegamos por um mundo cada vez mais complexo e interconectado.

REFERÊNCIAS:

- BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.
- _____. **Modernidade Líquida**. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2001.
- _____. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- _____. **Tempos líquidos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- _____. **Arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- BODEI, Remo. **A história tem um sentido?** Tradução: Reginaldo Di Piero. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- EAGLETON, Terry. **Iusões do Pós-Modernismo**. Tradução: Elisabeth Barbosa, Editora: Zahar, Rio de Janeiro, 1998.
- _____. **A Iusão do Pós-Modernismo**. Tradução: Elisabeth Barbosa, Editora: Zahar, Rio de Janeiro, 2014.
- GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan. **Teoria social hoje**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia: uma breve, porém crítica introdução**. Porto Alegre: Artmed Ed. S.A, 2005.
- _____. **As Consequências da Modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- GONÇALVES, Júlia. **A Pós-Modernidade e os Desafios da Educação na Atualidade**. Revista Científica Aprender, 2008.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo: A razão e a racionalização da sociedade**. Boston. Imprensa de farol: Volume I. 1984.
- _____. **A modernidade, um projeto incompleto**. In: Foster, Hal. L. 7º Ed. 1998.
- _____. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **Facticidade e Validade: contribuições para uma teoria discursiva do direito e da democracia**. Tradução: Felipe Gonçalves Silva e Rúrion Melo. São Paulo: Editora Unesp, 2020.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu

da Silva; Guaracira Lopes Louro. Edição: 11°. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens as mudança cultural.** Tradução: Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. 17° edição. Edições Loyola, 2008.

JAMESON, Fredric. **Modernidade e sociedade de consumo.** Tradução: Vinicius Dantas. New Left Review. 1984.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento?** In: Immanuel Kant: Textos Seletos. Petrópolis: Vozes, 1974.

LYOTARD, Jean François. **A condição pós-moderna.** Tradução: Ricardo Côrrea Barbosa. 12° Edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

_____. **A condição pós-moderna.** Tradução Ricardo Corrêa Barbosa. 15°. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

_____. **O Pós-Moderno.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

_____. **A condição Pós-moderna.** Informe sobre o saber. Ediciones: Cátedra, Madrid, 1987.

MORAES, Silvia. Elizabeth. **Currículo, transversalidade e Pós-modernidade.** In: Santos Filho, J. C. dos (org). Escola e universidade na pós-modernidade. São Paulo, Mercado das Letras, 2000.

NOGUEIRA, Marcos Aurélio. **Modernidade e pós-modernidade: em busca do sentido da vida atual.** Emancipação, v. 11, p. 9-19, 2011.

SÁ, Marcio Gomes de. **Pós-modernidade!?! Dimensões e reflexões.** Revista Pós-Ciências Sociais, v. 3, p. 41-60, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 5° ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.